

## **XUKURU DO ORORUBÁ: MIGRAÇÕES E AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE**

*Edmundo Monte\**

### **Introdução**

Na abordagem do conteúdo sobre processos migratórios durante o século XX, temos os nordestinos, ora castigados pela seca, ora esquecidos ou “maquiados” de preocupações pela República Federativa do Brasil, aparecendo como principais atores/vítimas nessas jornadas repletas de incertezas. Tentando seguir uma ordem cronológica, a seca e a escassez de trabalho no campo foram os principais motivos para milhares de famílias deixarem seus lares de origem, se arriscando e, na maioria das vezes, vivendo precariamente nas florestas úmidas da Amazônia, na região Sudeste, nas periferias das cidades em todas as regiões do País.

Existem casos de cidadãos e cidadãs que obtiveram êxito em suas andanças, mas, basta percorrer parte de nosso país de dimensões continentais que constataremos a incansável luta desses migrantes para continuarem sobrevivendo sem precisar de auxílios externos. Em 5 anos de viagens de Norte a Sul do Brasil, utilizando diferentes meios de transporte, sendo a maioria do tipo terrestre - em torno de 80% deles - pudemos observar através de entrevistas e conversas de finais de tarde tais situações.

São muitos os estudos que tratam do tema em questão, com levantamentos estatísticos, detalhes da natureza dos trabalhos exercidos pelos migrantes, condições de vida dessas pessoas, em diferentes campos do conhecimento. Nessa gama de enfoques e interesses específicos, dificilmente os povos indígenas aparecem nas publicações, sejam elas didáticas e, até certo ponto, nas inúmeras pesquisas acadêmico-científicas. Na maioria das vezes, os índios são confundidos como caboclos, flagelados da seca ou sertanejos nessas peregrinações em busca do desconhecido, de dias melhores.

Nos próximos parágrafos procuraremos enfatizar com o auxílio de poucas, mas importantes bibliografias temáticas, e pelas memórias dos resistentes e politizados índios

---

\* Graduado em História pela UFRPE. Especialista em Ensino de História (UFRPE). Mestrando em História do Norte/Nordeste pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.

2

Xukuru do Ororubá, os motivos e resultados, condições de trabalho e das viagens, que fizeram muitos deles partirem de seu território de origem, na Serra do Ororubá, com destino à Zona da Mata Sul pernambucana e/ou a Grande São Paulo.

### **Os índios da Serra do Ororubá na maior cidade brasileira**

Os processos migratórios no Brasil ganharam força principalmente a partir da crescente industrialização da região Sudeste durante as décadas de 1930-1950. Cidades como São Paulo e Rio de Janeiro alimentavam sonhos e esperança para milhares de brasileiros, a maioria advindos do Nordeste, mudarem de vida ou conseguirem, pelo menos, (sobre)viver fora de suas cidades de origens. Boa parte desse povo, somado aos imigrantes estrangeiros que chegaram em São Paulo para labutarem nas plantações de café no final do século XIX e permaneceram desembarcando nos portos da região no primeiro quartel do século XX, foram responsáveis não só pelo adensamento demográfico daquele Estado, como também pela rápida urbanização e desenvolvimento econômico de São Paulo. (SINGER, 1973). Não é novidade dizer os fatores determinantes para o chamado êxodo rural. A mecanização das atividades no campo, a falta de terras e água para plantar, os intermináveis conflitos com os grandes proprietários e fazendeiros, e a política de “olhos vendados” dos administradores públicos são de conhecimento de boa parte da massa urbana e rural brasileira. O que ainda não chega aos ouvidos da população do País e ainda é pouco estudado no campo da História são as origens e particularidades de alguns desses migrantes, podendo inclusive causar estranhamento o fato de índios provenientes do Nordeste, sem adornos ou pinturas, estarem inseridos nesse contingente de trabalhadores, que em péssimas condições rumaram para o Sudeste em meados do século passado.

Os índios Xukuru, que hoje habitam 23 aldeias na Serra do Ororubá, nos municípios de Pesqueira e Poção, Agreste pernambucano, tiveram que buscar saídas pra enfrentar a fome e os mandos e desmandos dos fazendeiros da região, tradicionais invasores das terras do antigo Aldeamento de Cimbres. A migração expressava também a ineficácia da ação indigenista do extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI) durante a década de 1950, que não sanou os conflitos agrários entre índios e não-índios na região. (PERES, 2004:87).

3

Para compreender as estratégias utilizadas pelos Xukuru diante dos problemas que colocavam em risco as suas próprias vidas, realizamos entrevistas com índios que conheceram a realidade e desafios de um migrante numa grande metrópole, a capital paulista. Seu Antônio Pequeno, 75 anos, morador da Aldeia Cajueiro, contou que foi para lá logo que completou 18 anos, porque “*nesse tempo aqui num tinha um trabalho nem pra ganhar cinco mirrei, naquele tempo era cinco mirrei né... num tinha ganho e nada, acabou tudo era tristeza, num tinha trabalho... tinha trabalho, mas não tinha dinheiro né, aí fui me embora pra lá*”.<sup>1</sup>

Outra entrevistada, dona Bernadete, foi pra São Paulo trabalhar como empregada doméstica. Ela falou das dificuldades pra conseguir se manter na Serra do Ororubá na época:

*Era muito ruim, nem me fale. Trabalhava aqui, meu pai muito pobrezinho... minha mãe trabalhava na agricultura pra me criar. Aí a minha tia, eu vivia assim pelos terreiros, aí minha tia tinha casado recentemente e tomou conta de mim, entende? Aí minha tia me criou aqui onde moro hoje. Aí quando eu tava com uns 20 ano, essa prima minha foi e me levou pra São Paulo. Eu trabalhei muito aqui na campina, plantando capim pra ganhar alguma coisa. Eu estudei aqui, agora meu estudo como é que era, trabalhava, ralava milho, fazia comida pros trabalhador, pro meu avô, e eu quando era de nove pra dez hora era que eu ia escrever uma liçãozinha. Porque eu tinha que trabalhar pra ganhar meia garrafa de leite prum irmão meu que ele era pequenininho sabe? E meu vô que trabalhava lá com dona Alba, ele trabalhava coitado, e comia aquela aguinha de xerém... Morreu mais de fraqueza, quando vinha e descia aquela Serra, com fome, que pra gente num tinha nada, e assim foi a vida dele até quando ele morreu. Depois meu pai e o filho dele, nós botava roça aqui na matinha, que se chamava matinha aqui detrás da minha casa. Meu pai plantava uma rocinha, botava um roçadinho de milho, de fava.*<sup>2</sup>

Mesmo com o seu pai conseguindo plantar um roçado, os fazendeiros tratavam de “apressar” a colheita,

*Quando era o tempo que a faveira já dava pra comer, seu Rafael tacava o gado dentro, aí nós ia apanhar aquela fava com o gado dentro e botar em casa aquele monte de fava verde, pra o gado não comer tudo, entende? Essa é a verdade, não tem outra! Quando não era isso meu pai plantava uma rocinha aqui por detrás e*

<sup>1</sup> Antônio Bezerra Vasconcelos, “Antônio Pequeno”, 75 anos. Aldeia Cajueiro, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 30/07/2009.

<sup>2</sup> Bernadete Marinho, 62 anos. Aldeia Cajueiro, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 30/07/2009.

*nós ficava com aquele poquinho de farinha, as vezes dava pra passar a semana, as vezes num dava. Quando aparecia alguma comissãozinha de Pesqueira, que vinha um caminhão pra dar comissão na Vila, nós ficava debaixo daquele pé de tambor pra receber aquela massa, era farinha e era disso que nós vivia, entende? Antigamente era muito ruim, era muito, muito...<sup>3</sup>*

Se hoje em dia os gastos e faturamentos para manutenção das estradas no Brasil não dão conta de deixá-las, durante todo o ano, em bom estado para o tráfego de veículos leves e pesados, tornando as viagens cansativas e perigosas. O que dizer então de uma época em que parte dessas rodovias não eram asfaltadas? Dona Bernadete, falou da experiência desagradável durante o percurso Pesqueira/São Paulo: “Foi num ônibus, no tempo nesse ônibus só tinha estrada de barro. Eu fui por essa estrada de Arcoverde, entende? Morrendo, gritando dentro do ônibus! (risos) Até quando chegou lá”.<sup>4</sup> Seu Antônio Pequeno, que na capital paulista trabalhou no Jockey Club em meados de 1950, relatou a aventura e o perigo de passar vários dias na estrada:

*O transporte foi ônibus de Tapemirim, não de Princesa do Agreste, passei nove dia, nove dia no caminho... nove dia, nove dia, foi de fome, foi de tudo, naquele tempo num era fácil. Era 7 dia, 8 dia, 9 dia, daqui pra São Paulo. Era só na pedra daqui pra São Paulo, num tinha asfalto não. Olha, a gente chegava lá, olhava assim e dizia: que diabo é isso? Só o barro vermelho, só o barro. Não é brincadeira daqui pra São Paulo, e a estrada não ajudava, era só pedra. Mas graças a Deus se venceu tudo.<sup>5</sup>*

O migrante é antes de tudo um determinado. Conseguir se manter longe de suas origens, do seu círculo social não é fácil como alguns pensam. Deixar muitas vezes, pai, mãe, mulher e filhos... São inúmeros os desafios, que incluem em algumas situações, o fato de ter que aprender uma nova profissão e se manter com ela, como descreveu Antônio Pequeno:

*Lá trabalhei 40 anos no Jockey Club no bairro de Pinheiros, ali perto do Butantã, pertinho do Butantã. O serviço era trabalhar com cavalo, eu era gerente lá, tinha os pião e eu cuidava lá. Oia, dava dó levantar de quatro e meia da manhã, uma luta... quatro e meia da manhã, podia ter trovoada, podia não ter, tinha que*

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> Antônio Bezerra Vasconcelos, “Antônio Pequeno”, op. cit.

5

*levantar, porque cavalo pra treinar é até seis horas da manhã na raia lá... aí a gente tem que trabalhar nesse horário que é pra poder os cavalo quando dá sete, oito horas, aí os patrão vai chegando pra ir olhar os cavalo trabalhar, aí a gente tem que começar quatro e meia da manhã.*<sup>6</sup>

Apesar das adversidades impostas pela metrópole, inclusive o fator climático, ele considerou como muito boa a experiência de viver no Sudeste e que conseguiu se aposentar,

*Com uma coisinha bem pequena, porque a gente ganhava pouquinho né. Aí aposentei com um salário e meio, aí segurei com um salário e meio, aí veio a época do Collor. Aí comeu meio! Aí ele comeu meio salário, aí fiquei com um salário mínimo até hoje. Agora que aumentou o salário mínimo, aí aumentou um pouco. Mas no tempo do Collor, naqueles tempo que ele comeu o dinheiro do povo e tudo...*<sup>7</sup>

A maioria dos índios entrevistados que trabalharam na capital paulista, falaram que eram “*De carteira assinada. Tudo de carteira assinada*”.<sup>8</sup> Com exceção de quem trabalhou como empregada doméstica. Quando perguntados sobre a convivência entre patrão e empregado, foram unânimes em dizer que a relação era boa. Não tiveram problemas com isso.<sup>9</sup> Mesmo com todos esses fatores “positivos”, a alegria e o orgulho do retorno a Serra do Ororubá foi o melhor presente na vida desses índios: “*Meu sonho era aqui, tanto é que faz esses ano todinho que eu tô aqui, faz 32 ano que eu tô aqui e nunca me deu vontade de voltar, nos tamo bem de vida graças a deus*”<sup>10</sup>, confirmou dona Bernadete.

### **Mata Sul de Pernambuco: a cana-de-açúcar e os Xukuru**

*“Os corumbas destacam-se pela grande capacidade de trabalho, pelo espírito gregário que os une e os mantém sempre afastados dos trabalhadores da região canavieira, e pelo apetite que demonstram ao chupar a cana ou ao tomar o seu caldo. É que utilizam o caldo e a cana como alimento para economizar os salários*

---

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> José Jorge de Melo, “Neto”, 57 anos. Aldeia Cajueiro, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 30/07/2009. Trabalhou em São Paulo durante 9 anos como porteiro de Edifício.

<sup>9</sup> Os entrevistados Antônio Bezerra Vasconcelos, Bernadete Marinho, José Jorge de Melo, confirmaram a boa relação com seus respectivos patrões.

<sup>10</sup> Bernadete Marinho, op. cit.

*recebidos e voltar ao Agreste ou ao Sertão, no fim da safra, com alguma economia.”*

Manuel Correia de Andrade<sup>11</sup>

A colheita sazonal da cana-de-açúcar na região da Mata foi o destino de muita gente do Agreste e Sertão pernambucano. Quando chegava o período de estio, entre os meses de setembro e outubro, os chamados *corumbas* partiam de suas cidades de origem para trabalhar em média três ou quatro meses nesta atividade.

Os Xukuru também fizeram parte desse contingente de trabalhadores temporários, na tentativa de conseguir algum “troquinho” para ajudar no sustento de suas famílias na Serra do Ororubá. Os destinos foram principalmente a Zona da Mata Sul pernambucana e a Mata Norte alagoana, em cidades como São Benedito do Sul/PE, Palmares/PE, Ribeirão/PE e Rio Largo/AL. Essa foi mais uma maneira dos índios continuarem resistindo/existindo na região tomada por fazendeiros, criadores de gado. (SILVA, 2008).

As viagens de ida/volta eram mais um obstáculo a ser vencido. Enquanto os índios que migraram para a Grande São Paulo fizeram o trajeto de ônibus, não menos penoso, os que seguiam para o “Sul”<sup>12</sup>, em boa parte das vezes, tinham que se deslocar caminhando quilômetros até o “ambiente” de trabalho. Assim, afirma Manuel Correia de Andrade sobre os *corumbas*: “Antigamente, quando havia dificuldade de transporte” acabavam fazendo o trajeto todo a pé. (ANDRADE, 2005:133). Essa condição é exemplificada nas palavras dos próprios índios: “No Sul ia cortar cana. Na Usina Pedrosa, Barreiros... Ia a pé. Não tinham dinheiro para pegar um jegue. Saía da Serra, trabalhava lá um mês, dois e quando acabava voltava”.<sup>13</sup> O marido de dona Bernadete Marinho foi várias vezes cortar cana no “Sul” e em Rio Largo/AL: “Ele foi no tempo de solteiro, trabalhou lá muito tempo, limpando cana, cortando, né? E depois de eu casada com ele, ele foi uma vez, mais um homem da Vila de Cimbres”.<sup>14</sup> Ela se orgulha das lembranças do passado: “Sou uma pessoa que tá dessa idade e eu nunca perdi minha memória. Eu sei de tudo que aconteceu comigo quando eu era pequenininha, tenho uma memória tão boa graças a Deus”.<sup>15</sup> E descreve o sofrimento do esposo, Miguel “Preto”, quando seguia para o trabalho sazonal:

<sup>11</sup> ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*. 7ª ed. São Paulo, Cortez, 2005, p. 133.

<sup>12</sup> A expressão “Sul” é utilizada pelos Xukuru quando se referem à Zona da Mata Sul de Pernambuco.

<sup>13</sup> José Gonçalves da Silva, 82 anos (Falecido). Bairro Portal, Pesqueira/PE, em 18/12/2005.

<sup>14</sup> Bernadete Marinho, op. cit.

<sup>15</sup> Idem.

*Aqueles mundo em Alagoas, perto de Rio Largo, ele foi pra lá, aí só pra nós esperar aqui, porque nesse tempo nós não era aposentado, só cá nós esperar alguma coisa. Quando deu fé foi chegando de um em um, fulano ficou lá atrás. Ai eu digo: mas atrás como? Primeiro chegou Tonho, que ele tinha um trocadinho e pagou passagem, os outros num tinha vieram pela beira da praia de pés. Eu sei que em quatro ou cinco dia chegaram aqui, que o patrão lá num prestava ou não pagava direito né, eu sei que foi um problema lá que eles trabalhava e num ganhava bem, num dava nem pra comer, vieram de pés. Disse que pedindo esmola, pedindo carona, pedindo manga aqueles pessoal que tinha chácara, pedindo aos guarda pra se alimentarem pra ver se podiam chegar aqui. Foi assim, com quatro dia eles chegaram, eu lembro até a hora que eles chegaram. Chegou aqui, pobrezinho, com os pés cheio de calo, ainda hoje é doente dos pés. Ele disse que foi, pra nunca mais. É a verdade né!*<sup>16</sup>

Será que valia a pena tanto sacrifício? Eram poucos os índios que conseguiam trazer alguma “economia” na volta pra casa, “*Eu não fui, mais um irmão meu ainda foi, ele foi para a Usina Barreiros, voltou com um troquinho pouco (risos)*”.<sup>17</sup> O risco de voltar de “mãos vazias” e o grande esforço físico empenhado nas atividades da cana-de-açúcar não motivaram o índio Xukuru conhecido por “Neto”, de 57 anos, que preferiu migrar para capital paulista: “*Pra cana-de-açúcar eu nunca fui, graças a Deus. Essa parte aí não, porque eu nunca pensei... Eu num vou sair daqui. Que eu trabalho já na roça aqui, vou trabalhar na roça ali?*”.<sup>18</sup>

Em 1963, com a criação do Estatuto do Trabalhador Rural, “*foram garantidos aos empregados agrícolas direitos trabalhistas enquanto assalariados*”. (DABAT, 2007:23). Será que os Xukuru gozaram realmente de alguns desses direitos, como Carteira de Trabalho assinada? É uma das perguntas que as fontes orais ajudam a esclarecer nessas relações de trabalho. Nas palavras de Gercino Balbino da Silva, conhecido como “Seu” Gercino, falecido aos 83 anos em Junho de 2007, assim como ocorre nos dias atuais, não eram registrados os trabalhadores envolvidos diretamente no corte da cana:

*No sul a primeira vez que eu fui, eu trabalhava por semana. Semanal na usina. Era seis mil réis por semana. Tá vendo? Seis mil réis de sábado a sábado. Era seis mil réis, quando eu fui. Depois que eu passei a turbinar, ai subiu. Ai eu ganhava doze*

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> José Gonçalves da Silva, op. cit.

<sup>18</sup> José Jorge de Melo, “Neto”, op. cit.

*mil réis por semana e nunca ficharam carteira. Eu não sei agora, faz tempo que eu fui. Não sei, mas no tempo que eu trabalhei não. Assinava carteira não. Em serviço nenhum. Cortador de cana, cambiteiro, cocheiro, esse povo que lutava com animal, não tinha nada fichado, não. Tudo era avulso.*<sup>19</sup>

De acordo com pesquisadores que andaram a região da Mata Sul de Pernambuco na Década de 1970, os direitos trabalhistas só eram aplicados aos assalariados que trabalhavam nas oficinas mecânicas das usinas. Por muitos anos a visão e conceito de Estado que esses trabalhadores da agroindústria açucareira conheceram, foi a constatação que o poder público sempre esteve do lado do patrão. Hoje em dia, assim como em tempos coloniais, a relação patronal nesta atividade continua nefasta.

Conforme as afirmações de Ecléa Bosi, “A memória é a faculdade épica por excelência”. (BOSI, 2004:90). As memórias orais desses índios, além de um método de pesquisa, nos ajudam a compreender melhor e respeitar os episódios que marcaram e legitimam a história de luta e resistência do povo Xukuru do Ororubá.

### **Considerações finais**

O objetivo deste estudo foi, principalmente, estimular os olhares para novas abordagens sobre a temática indígena, colaborando com as discussões a respeito dos processos migratórios, analisando suas causas e consequências para os povos indígenas de Pernambuco. As entrevistas com os índios Xukuru do Ororubá deixam claro a interferência do não-índio (o fazendeiro em especial), nas formas de organização e modo de vida desse povo. O fato é que, mesmo alguns deles tendo conseguido ganhar a vida e se aposentar na cidade de São Paulo, o mesmo não se repetiu com a maioria que trabalhou na colheita sazonal da cana-de-açúcar no “Sul”. Dos que se arriscavam nesta atividade, poucos conseguiam juntar uma “economia” e trazer de volta para suas famílias. A situação hoje em dia, no que se refere a qualidade de vida na Serra do Ororubá, é motivo de orgulho para esses índios. Eles não esqueceram suas raízes, continuam trabalhando na agricultura, dançam o Toré, e dizem com orgulho que não tem lugar melhor pra viver do que ao lado de sua gente, nas Aldeias Xukuru.

---

<sup>19</sup> Gercino Balbino da Silva, “Seu” Gercino, 83 anos (Falecido). Aldeia Pedra D’Água, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 11/08/2004. Entrevista realizada por Edson Silva. (In, SILVA, 2008).

## Referências Bibliográficas

- ANDRADE, M. C. de. *A terra e o homem no Nordeste*. 7ª ed. São Paulo, Cortez, 2005.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 11ª ed., São Paulo, Cia. das Letras, 2004.
- CALADO, A. J. F. *Relações de dependência social no Agreste Centro Ocidental de Pernambuco*. 1979. Dissertação (Mestrado em Sociologia – PIMES), Recife, UFPE, 1979.
- DABAT, C. R. *Moradores de engenho: relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canaveira de Pernambuco segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais*. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2007.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo, Centauro, 2004.
- LOPES, J. S. L. *O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- PERES, S. "Terras indígenas e ação indigenista no Nordeste (1910-67)". In, OLIVEIRA, J. P. de (Org.). *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Contra capa, 2004, p.43-91.
- SILVA, E. *Xucuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1959-1988*. 2008. (Tese de Doutorado em História Social). Campinas, UNICAMP, 2008.
- \_\_\_\_\_. História, memórias e identidade entre os Xucuru do Ororubá. In, *Revista Tellus*, Campo Grande/MS, UCDB n°. 12 abr. 2007, p.89-102.
- \_\_\_\_\_. Índios organizados, mobilizados e atuantes: história indígena em Pernambuco nos documentos do Arquivo Público. In, *Revista de Estudos e Pesquisas*, FUNAI, Brasília, v.3 n°. 1/2, jul./dez. 2006, p. 173-224.
- \_\_\_\_\_. "O nosso direito". Conflitos e resistência indígena em Pernambuco no Século XIX. In, SILVA, Edson et alli. *Índios do Nordeste: temas e problemas*. Maceió: Edufal, 1999, p. 265-279.
- \_\_\_\_\_. "Confundidos com a massa da população": o esbulho das terras indígenas no Nordeste do século XIX. In, *Revista do Arquivo Público Estadual de Pernambuco*, 1996, n°. 46, vol. 42, dez./96, p.17-29.
- SILVA, M. R. da. *Índios na Mata Sul/PE: memórias, refazendo a vida, refazendo a História*. 2007. Monografia (Curso de Especialização em Ensino de História). Recife, UFRPE, 2007.
- SINGER, P. *Economia política da urbanização*. São Paulo, Brasiliense, Cebrap, 1973.
- SUAREZ, M. T. S. de M. *Cassacos e corumbas*. São Paulo, Ática, 1977.